



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**  
**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO**  
**PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES**

**A IMPORTÂNCIA DA AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM NA FORMAÇÃO DO**  
**SUJEITO**

**RENAULT BATISTA COELHO**

SOUSA - PB

2014

**RENAULT BATISTA COELHO**

**A IMPORTÂNCIA DA AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM NA FORMAÇÃO DO  
SUJEITO**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, em convênio com Escola de Serviço Público da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup>. Ariane Kércia Benício de Sá Barreto

**Sousa- PB**

**2014**

UEPB - SIB - Setorial - Campus VII

C673i Coelho, Renault Batista  
A importância da aquisição da linguagem na formação do  
sujeito [manuscrito] / Renault Batista Coelho. – 2014.  
28 p.

Digitado.

Monografia (Fundamentos da Educação: Práticas  
Pedagógicas Interdisciplinares EAD) – Pró-Reitoria de Ensino  
Médio, Técnico e Educação à Distância, Universidade Estadual da  
Paraíba, 2014.

“Orientação: Profa. Ma. Ariane Kércia Benício de Sá Barreto,  
PROEAD”.

1. Língua. 2. Aquisição da linguagem. 3. Variedades  
linguísticas. I. Título.

21. ed. CDD 407

RENAULT BATISTA COELHO

**A IMPORTÂNCIA DA AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM NA FORMAÇÃO DO  
SUJEITO**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares, da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com a Secretaria de Estado da Educação do Governo do Estado da Paraíba, em cumprimento a exigência para obter o nível de especialista.

Aprovada em 08/12/2014

**BANCA EXAMINADORA**

*Ariane Benício*

Prof<sup>a</sup> Ma. Ariane Kércia Benício de Sá Barreto  
Orientadora

*Francineide Pereira Silva*

Prof<sup>a</sup> Ma. Francineide Pereira Silva /UEPB  
Examinadora

*Ananias Agostinho da Silva*

Prof<sup>o</sup> Me. Ananias Agostinho da Silva /UERN  
Examinador

À minha esposa, Claudia Pergentino da Silva Batista, pela dedicação, pelo companheirismo e amizade e a minha filha Renata Batista Pergentino, DEDICO.

## **AGRADECIMENTOS**

À Ana Alice R. Sobreira, coordenadora do curso de Especialização, por seu empenho.

À professora Mestre Ariane Benício de Sá, pelas orientações e pela dedicação.

Agradeço aos meus pais Maria Irene Batista Coelho e Manoel Coelho, pelo incentivo e por acreditar no meu potencial.

Aos meus irmãos, pelo apoio que me deram durante esta caminhada.

À amiga Franciana Vieira de Sousa, por me ajudar a enfrentar as dificuldades encontradas durante a minha pesquisa.

Aos meus professores, que ministraram o curso de Especialização em Fundamentos da educação: Práticas pedagógicas interdisciplinares.

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquela. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. (FREIRE, 2001, p. 11)

## RESUMO

Côncios de que ser humano utiliza a linguagem como mecanismo de comunicação com o próximo e também como forma de integrar-se ao seu ambiente de convívio, buscamos, neste trabalho, discutir a importância da aquisição da linguagem para a interação dos sujeitos em seus espaços de comunicação, especificamente no ambiente escolar. Como objetivo principal, pretendeu-se analisar como o sujeito enquanto nativo da língua insere-se na sua comunidade linguística e interage compreendendo todas as variedades e dificuldades da língua. Caracteriza-se, pois, como uma pesquisa bibliográfica de cunho descritivo e reflexivo. Terá uma abordagem qualitativa e como *corpus* se constituirá de discussões e aportes teóricos pertinentes ao tema. As bases teóricas foram subsidiadas pelos estudos de CAGLIARI (2005), LAROCA (1994), MOREIRA (2003), POSSENTI (1996), SARMENTO (2009), entre outros. Parte-se da compreensão de que mesmo que os indivíduos pertencentes a uma mesma nação falem a mesma língua, cada um dispõe de habilidades linguísticas diferentes, e que cada sujeito começa a desenvolver suas competências linguísticas desde os primeiros contatos com o grupo que o rodeia, proporcionando-lhes armazenar sua própria gramática internalizada através das variedades linguísticas. Como resultados, a presente pesquisa revelou alguns desafios que os sujeitos enfrentam no processo de aquisição da linguagem, e compreendeu diferentes propostas para o aprimoramento do ensino de língua materna, visando à importância de os falantes compreenderem com maior naturalidade as diversas possibilidades de comunicação, respeitando assim todas as formas de falares.

**PALAVRAS CHAVES:** Língua, Aquisição da Linguagem, Variedades Linguísticas.



## **ABSTRACT**

Aware that human beings use language as a communication mechanism with others and as a way to integrate its convivial atmosphere, we also seek, in this paper, discuss the importance of language acquisition to the interaction of the subjects in their spaces communication, especially in the school environment. Main objective, we sought to analyze how the subject as native tongue is inserted in its linguistic community and interacts comprising all variants and language difficulties. It is characterized, therefore, as a literature survey of descriptive and reflective nature. Have a qualitative approach and the corpus will consist of discussions and theoretical contributions relevant to the topic. The theoretical foundations were supported by studies in Cagliari (2005), Laroca (1994), Moreira (2003), Possenti (1996), SARMENTO (2009), among others. Part is the realization that even if individuals belonging to the same nation speak the same language, each language has different abilities, and that each person begins to develop their language skills since the first contacts with the group that surrounds him, providing them store their own internalized grammar across language varieties. As results, the present study revealed some challenges that individuals face in the process of language acquisition, and included various proposals for improving the teaching of mother tongue, in order to understand the importance of the speakers more naturally diverse possibilities of communication, thus respecting all forms of dialects.

**KEY WORDS:** Language, Language Acquisition, Linguistic Varieties.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>1 O SUJEITO E O ESPAÇO DE INTERAÇÃO LINGUÍSTICA: ESCOLA .....</b>	<b>11</b>
1.1 A FORMAÇÃO DO SIGNO LINGUÍSTICO .....	12
<b>2 LÍNGUA MATERNA E SUAS VARIANTES .....</b>	<b>16</b>
2.1 VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS.....	17
<b>3 O SUJEITO NATIVO E AS DIFICULDADES DE AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM.....</b>	<b>20</b>
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>25</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>27</b>

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho foi pensado em termos de estudar como se encontra o processo de formação do sujeito, no tocante a inserção através da comunicação pelas diferentes formas da linguagem, principalmente ao ato de comunicar-se através da oralidade e da escrita, visualizando como campo de interação o contexto escolar compreendendo as diferentes variantes que o sujeito vive em constante contato com as diversas competências que se desenvolve através da comunicação.

A nossa referência específica estará limitada ao trabalho do ponto de vista de como esse sujeito se estabelece no meio social, através das possibilidades que o facilitam para sua incorporação, bem como, apresentar as dificuldades que as pluralidades linguísticas apresentam para a formação intelectual e social do indivíduo perante a sua língua materna.

O trabalho com a temática referente à linha de pesquisa Diversidades, linguagens e formas de interação evidencia a formação dos usuários quanto ao uso efetivo da comunicação através da linguagem. Como percebem as diversidades culturais que diferenciam povos de uma mesma nação através das formas espontâneas que distinguem por meio das variantes da língua.

É interessante observar como o ser em processo de formação linguística encaram as dificuldades/diferenças quanto ao que aprendem de forma natural, sem regras, no seu cotidiano.

Todavia, ainda verificamos o papel social que as instituições escolares desempenham nesse processo de inclusão através do uso efetivo e afetivo dos atores que utilizam através da linguagem.

Dessa forma, o trabalho objetiva analisar como o sujeito enquanto falante nativo da língua insere-se na sua comunidade linguística e interagem compreendendo todas as variantes e dificuldades.

Para isso, as bases metodológicas foram pautadas na pesquisa bibliográfica de cunho descritivo e reflexivo. Terá uma abordagem qualitativa e como corpus se constituirá as discussões e apartes teóricos pertinentes ao tema.

Desse modo, a presente monografia divide-se em três capítulos. O primeiro “O sujeito e o espaço de interação linguística: Escola” evidencia as diversas maneiras que o processo de comunicação apresenta, além das dificuldades deparadas pelos falantes aos diversos contextos comunicativos que vivenciam no

dia a dia, focando, principalmente, para o ambiente escolar, que, como sabemos exerce uma função social para a formação do indivíduo dentro do processo de inserção como cidadão crítico, detentor de uma linguagem espontânea, que necessita introduzir a sua comunidade linguística através do uso de sua linguagem.

As instituições escolares são ambientes propícios e formadores para que o sujeito conheça e entenda as formas de funcionamento da língua nos diversos contextos de comunicação.

O segundo capítulo aborda a “Língua materna e suas variantes”, que enfatiza uma abordagem teórica sobre o estudo de língua materna, e a função que desempenha no meio social, além de contemplar os objetivos desse ensino, bem como as variações linguísticas que acometem os falantes da língua. Destaca também as variantes que a língua evidencia respaldados pelos fenômenos linguísticos.

Por fim, o terceiro capítulo discute “O sujeito nativo da língua e as dificuldades de aquisição da linguagem” em uma perspectiva voltada para como o falante de uma língua enxerga e defronta as dificuldades apresentadas pelo universo de inclusão/exclusão através da linguagem, uma vez que são apresentados “pré-conceitos, no que diz respeito a cada forma da língua que são estigmatizadas aos valores de aceitação de cada nível proposto. Além disso, aponta alguns desafios que afetamos seus usuários e em sequência corrobora a necessidade de aprimorar o ensino de língua materna com ênfase nas “diferenças” propostas pelas variedades da língua.

## 1 O SUJEITO E O ESPAÇO DE INTERAÇÃO LINGÜÍSTICA: ESCOLA

Como afirmam os estudos, a língua é um organismo vivo, e apresenta-se em constantes transformações. E, diante da evolução da linguagem no decorrer das décadas, desde a sua expansão através do império romano, vem-se acontecendo importantes transformações no ato da comunicação entre os sujeitos, devido aos diversos processos de sentido que a comunicação permeia através da linguagem.

Cada sujeito desenvolve suas competências linguísticas de acordo com o meio social inserido, no entanto, cada comunidade apresenta suas particularidades de interação.

Segundo o gramático Evanildo Bechara “(...) Educar linguisticamente uma pessoa é, portanto, habilitá-lo a se expressar no maior número possível de possibilidades que a língua apresenta”. (BECHARA, 2005, p.13).

Assim sendo, faz-se necessário evidenciar as diversas maneiras que o processo de comunicação estabelece, bem como, as dificuldades apresentadas pelos usuários na construção do seu léxico em meio aos contextos diversificados em que os sujeitos vivem.

A formação do sujeito, enquanto indivíduo que necessita se inserir em uma determinada comunidade linguística começa desde os primeiros contatos com o seu meio social e familiar, que, como se sabe acontece em processo contínuo, uma vez que adequamo-nos a realidade inserida.

Partindo dessa primícia, a presente pesquisa visa uma abordagem de como o ser humano se incorpora ou se adéqua a esse campo complexo do léxico proposto pela amplitude da língua materna, as suas diversidades, as diferentes situações de interação que venham a presenciar no seu dia a dia, necessariamente dentro do ambiente escolar. Como o sujeito mantém os espaços de interação proporcionada pelos diversos níveis de atores que convivem dentro da escola em que cada um traz consigo suas experiências, capacidades e habilidades adquiridas pelo seu contexto.

Para isso, com base nos estudos saussureanos é fundamental entendermos um pouco do sistema de signo.

## 1.1 A FORMAÇÃO DO SIGNO LINGUÍSTICO

A língua portuguesa originou-se do latim vulgar em virtude das conquistas romanas a outros territórios. Inicialmente, com o galego-português, e, depois, a distinção entre o galego e o português.

Com essas evoluções, grandes estudiosos da época despertaram a curiosidade de estudar a respeito da funcionalidade da língua. Um dos grandes nomes que se destacaram foi o linguista alemão Ferdinand de Saussure acerca da natureza da linguagem, formulando suas pesquisas para o sistema de signos. Como o indivíduo analisa o léxico pronunciado por ele constantemente. Para Saussure “A língua nada mais é que um sistema de relações” (CAMARA JR, 1975, p. 106).

Conforme Saussure, o signo é formado pelo seu significante X significado. O qual para o significante ficou atribuído ao som acústico enquanto ao significado atribui-se o conceito propriamente dito. Portanto, o signo na sua totalidade necessita que o sujeito consiga fazer a conexão do som acústico com o material, elaborando dessa forma um conceito convencional a sua determinada comunidade linguística.

L – A – P – I – S – (som acústico, pronúncia) – SIGNIFICANTE

---

L – A – P – I – S – (matéria) – SIGNIFICADO

Em meados do século XX, Saussure com sua obra “Cours de Linguistique Générale” (1916) originou estudos na denominada escola Estruturalismo, onde os elementos se constroem a partir da composição que adquirem uns com os outros. O Estruturalismo é uma escola morfológica, que se inspirando no modelo da linguística, referente ao estudo das línguas, em que se prende a sua “estrutura”, mais ou menos como um “sistema de signos” estudando a gramática decompondo suas partes.

A essência do pensamento saussureano consiste, portanto, em se considerar que a língua é um “sistema de valores”. Podendo dizer que os fonemas, os morfemas, as palavras, as frases, o texto, enfim, as formas linguísticas são valores que se opõem entre si, formando as mais variadas estruturas da língua Saussureanas é considerado o pai do estruturalismo (DOSSE, apud ROCHA, 1997, p. 27).

O primeiro problema encontrado por Saussure (1975) dizia respeito à natureza da linguagem, encarando-a como um sistema de signos, no qual cada um dos elementos que se prende a sua “estrutura” só pode ser definido de igual valor ou pela exposição existente entre os elementos que o compõe.

Assim sendo, o indivíduo desenvolve habilidades de comunicações antes mesmo de iniciar sua vida estudantil através do anseio familiar e social.

Como afirma Cagliari:

Quando diz que uma criança já é um falante nativo de uma língua, significa que ela dispõe de um vocabulário e de regras gramaticais. O vocabulário de uma criança de 3 anos é pequeno e ela é capaz de entender um número maior de palavras do que usa. O número de palavras que uma pessoa conhece ou emprega está intimamente relacionado às necessidades lingüísticas do indivíduo. Desse modo, a criança de 3 anos adquire e usa um vocabulário próprio para expressar aquilo que precisa, assim como um médico, um metalúrgico ou um cozinheiro adquirem e usam o vocabulário de que necessitam. Todos eles, quando se veem diante de uma palavra desconhecida, perguntam a outros seu significado ou consultam livros, sobretudo os dicionários. (CAGLIARI, 2005, p 18)

Contudo, o presente capítulo tem como pressuposto evidenciar o poder que o ambiente escolar passa a exercer na formação do indivíduo, uma vez que Cagliari afirma que “(...) A linguagem é um fato social e sobrevive graças às convenções sociais que são admitidas para ela.” (idem, p. 18)

A escola é um espaço em que os indivíduos que a frequentam desenvolvem atividades direcionadas para o processo de ensino e aprendizagem. Dentre esse processo, inclui-se o fortalecimento dos laços entre os sujeitos, portanto, é função das unidades escolares propiciarem aos educando mecanismos que viabilizem a interação, uma vez que é através do uso direto da língua aproxima as pessoas.

Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para o ensino médio – DCNEM-2012, a importância da formação humana integral pautada nas seguintes dimensões: trabalho, da ciência, da tecnologia e da cultura. Desse modo, a escola deve ser propícia a inclusão dos diversos níveis culturais.

Com isso, as instituições de ensino devem apresentar ações para que o alunado sintam-se acolhidos como cidadãos que conhecem seus direitos e se

envolvem de forma espontânea no seu grupo social, além de terem a capacidade de inserir-se em outros contextos, com convicção das “diferenças” que os sujeitos apresentam devido aos aprendizados diferenciados.

As escolas precisam viabilizar dentro de sua política educacional estratégias para evidenciar a cultural, uma vez que se trata de um espaço de pensamentos e conhecimentos heterogêneos. Assim, as instituições escolares abrem espaços para uma formação humana integral, e, assegura para que seu público tenha a possibilidade de conhecer as particularidades de todos que estão inseridos dentro do projeto educacional, viabilizando desta forma uma interação que possibilitará uma vivência afetiva das diferentes culturas que são apresentadas por cada um.

Com isso, a escola proporcionará que o seu aluno conheça/entenda o outro ao ponto de desenvolver competências linguísticas que viabilizará o convívio harmonioso com as distintas culturas, proporcionando-lhes um ambiente democrático.

Conforme Moreira (apud PÉREZ GOMES, 2003):

O responsável definitivo da natureza, sentido e consistência do que os alunos aprendam na sua vida escolar é este vivo, fluido e complexo cruzamento de culturas que se produz na escola entre as propostas da cultura crítica, que se situa nas disciplinas científicas, artísticas e filosóficas; as determinações da cultura acadêmica, que se refletem no currículo; as influências da cultura social, constituídas pelos valores hegemônicos do cenário social; as pressões cotidianas da cultura institucional, presente nos papéis, normas, rotinas e ritos próprios da escola como instituição social específica, e as características da cultura experimental, adquirida por cada aluno através da experiência dos intercâmbios espontâneos com o seu externo.

Faz-se necessário que a escola proporcione esse universo cultural com metodologias apropriadas para lidar com as pluralidades culturais. Nesse sentido é interessante que a escola apresente um currículo vivo, voltado para a realidade dos atores que a compõe, reforçando a ideia das diferenças que cada ser apresenta diante da diversidade linguística.

No entanto, a escola apresenta, de certa forma, dificuldades a fomentar esses momentos de interação cultural de forma significativa, uma vez que é imprescindível que seja incorporada a proposta pedagógica da escola que



contemple ações fundadas no convívio social, especificamente para as disparidades existentes no que se refere à interação de locutor e interlocutor que se evidencia os primeiros contatos com o uso efetivo da língua.

Diante ao exposto, toda essa abordagem nessa perspectiva, o papel da escola na promoção dos conhecimentos de língua e linguagem é proporcionar uma reflexão sobre as normas que regem o funcionamento desses usos, considerando a partir daí a relação entre sujeito e as diversidades linguísticas, os quais se constituem no momento em que o sujeito aprende e apreende as formas de funcionamento da língua e os modos de manifestação da linguagem. Assim, espera-se que a escola consiga com que o aluno compreenda essa complexidade linguística e possa usá-las de modo adequado na produção e abrangência, seja ela dentro ou fora da escola.

Portanto, verificamos a necessidade de estudos mais amplos direcionados a língua materna e suas variantes, apresentando-lhes ao seu público as reais funcionalidades e influências para efetivo uso da língua materna e sobre o processo da variação linguística.

## 2 LÍNGUA MATERNA E SUAS VARIANTES

Ao falar em língua materna pensamos em como ensinar uma língua que todos já sabem. Quais são os objetivos de ensinar a língua materna aos seus falantes se o indivíduo já aprende a sua língua a partir dos primeiros contatos com o mundo que o cerca. Por isso, desde cedo aprendemos as competências linguísticas sobre a nossa língua mãe.

Segundo Sarmiento (2009, p7), “O objetivo maior do ensino de língua materna é o domínio da linguagem nas várias situações sociais, ou seja, o desenvolvimento da competência comunicativa nas diversas formas e interação”.

Sendo assim, o sujeito deve desenvolver habilidades comunicativas ao ponto que seja possível comunicar-se aos mais variados contextos possíveis, uma vez que é sabido que uma boa formação linguística pauta-se em um vasto campo de conhecimento que possibilite essa amplitude de comunicação através dos vários contextos que a linguagem proporciona.

Conforme Travaglia (2006), o indivíduo nativo de uma língua ao estudá-la contempla os seguintes objetivos: Primeiro - a desenvolver competência comunicativa, uma vez que o usuário nativo emprega adequadamente a língua nos diferentes atos de comunicação, além de desenvolverem a competência gramatical e textual; segundo - levar a dominar a norma culta e ensinar a variedade escrita da língua; terceiro - ao conhecimento da instituição linguística, da instituição social que a língua é como está constituída e seu funcionamento, e, por fim ensinar o aluno a pensar, a raciocinar sobre a língua, desenvolvendo estudos sobre o próprio uso da língua.

A linguagem humana é livre de controle de estímulo e não serve a uma função meramente comunicativa, mas é antes um instrumento para a livre expressão do pensamento e para a resposta apropriada às novas situações. “Estas observações referentes ao que temos chamado de espaço criador do uso da linguagem [...]” (CHOMSKY apud ROCHA, 1998, p. 29).

Comungando com Lyons (1998, p. 25) “A competência linguística de um falante é um conjunto de regras que ele construiu em sua mente, pela aplicação de sua capacidade inata para a aquisição da linguagem aos dados linguísticos que ele ouviu a sua volta na infância”.

Comparando a labuta dos estudiosos acerca da evolução da linguagem, como o sujeito em sua plena formação conceitual de linguagem e língua se depara com todo esse processo de formação e informações dentro do seu campo intelectual e interpretativo sobre essas abordagens de sua língua materna, uma vez que para muitos em processo de aquisição da linguagem não percebem a complexidade das diferentes formas que utilizam para interagir com os outros no dia a dia, em virtude do não aprofundamento acerca do assunto e das diversas possibilidades de interação em que as comunidades linguísticas da nossa língua materna apresentam.

## 2.1 VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS

A linguagem é toda manifestação cultural de forma universal desempenhada pelos indivíduos, sendo considerado o instrumento mais importante para a comunidade na qual é exclusivo do ser humano, com o qual desenvolve seus raciocínios e atividades.

O estudo referente à língua materna por vários anos esteve ligado ao ensino da norma culta, uma vez que sempre foi utilizada pelas classes de maior prestígio social. Com o passar dos anos a língua portuguesa passou por grandes transformações, contribuindo de modo essencial para os conhecimentos sobre a língua e a linguagem no processo de ensino e aprendizagem.

Essas transformações anunciaram a importância de as dificuldades enfrentadas pelos sujeitos para a aquisição da linguagem, com base nas variações linguísticas, já que para planejar, executar e avaliar os resultados das práticas de ensino e aprendizagem deveria levar em conta alguns fatores como: classe social, faixa etária, sexo, espaço regional para, a partir desses fatores, considerarem as situações de uso da língua quanto ao grau de formalidade, registro e a modalidade de uso.

A partir dessas discussões, trouxeram a tona os estudos sobre as variações e mudanças da língua e enquadrando esse processo dentro do currículo da escola com o intuito de observar tais fenômenos, com isso, adotou-se a necessidade de introduzir nas salas de aulas.

No entanto, os estudiosos perceberam a forte influência que os falares cotidianos apresentam como marcas significativas de cada comunidade e, começaram a entender essa influência e estudarem as reais funções sociais para a formação do sujeito.

A comunicação é utilizada através da linguagem, seja ela verbal (oral ou escrita) e não verbal (símbolos) através de sons (músicas). Enquanto a linguagem é considerada um fenômeno geral; a língua também é uma manifestação cultural, mas de um povo restrito, uma forma peculiar de uma determinada sociedade, sendo definida como um sistema, uma propriedade coletiva.

A língua pode ser escrita ou falada, em que ambas são concretizações de um código (o código da língua) e devem ser entendidos como veículos que se comunicam ideias.

A interação comunicativa das pessoas reflete-se as peculiaridades em que os sujeitos apresentam a utilização dos seus códigos linguísticos isolados quando apresentam seus conhecimentos descritivos.

Esses códigos são denominados de dialetos que, segundo Coutinho, (1982, p. 27) “[...] é a modificação regional de uma língua”, ou seja, a forma como a língua é realizada numa determinada região específica, em que a língua pode se dividir em várias variantes. Ao ser utilizado em um ambiente restrito passa a ter o seu próprio sistema léxico daquele falar específico.

É interessante como as maiorias das pessoas não sabem lidar com essa pluralidade linguística, uma vez que alguns dialetos considerados de pessoas de um nível de língua não padrão sofrem preconceitos ao comparar e socializar-se com pessoas da comunidade linguística considerada padrão.

Como afirmam os linguistas, os falantes nativos de uma língua não erram ao se comunicarem, uma vez que a língua que falam é a que aprenderam. Portanto a conhecem a ponto de se comunicarem independentemente do grau de formalidade ou não. Sendo assim, os falantes do português não falam errado, apenas constroem enunciados que possibilitam a comunicação conforme o aprendizado construído.

Em virtude desse leque de possibilidades de variedades, os estudiosos através do desenvolvimento da Sociolinguística dividiram essas variações em algumas nomenclaturas a seguir.

As pessoas apresentam falares diferentes de acordo com o passar do tempo, como se sabe o tempo passa e a língua evolui, possibilitando assim

diferenças comunicativas entre as pessoas com idades distantes. Essas alterações que ocorrem na língua ao longo do tempo recebem o nome de variação histórica.

A variação regional condiz com os falares que cada região apresenta. A essa pronúncia característica dos falantes de uma determinada região é chamada de sotaque que carimba os falares das pessoas conforme sua localização geográfica.

Outra variação interessante diz respeito à situação sociocultural dos sujeitos, sendo que cada indivíduo apresenta sua comunicação através do seu grupo social e econômico. Além do nível de escolaridade, outros fatores corroboram, tais como: idade, profissão, grupo social, sexo, etc, vinculados aos aspectos sociais e culturais.

Por fim, a variação situacional em que o falante adéqua o nível da linguagem de acordo com o ato de comunicação a cada situação imposta.

O que se pode verificar é que as variantes presentes no uso cotidiano da língua fluem fortemente, ao passo que dia a dia são incorporados a nossa língua situações novas de interação. Portanto, faz-se necessário que sejam desenvolvidos trabalhos que busquem acabar com os estigmas sociais, uma vez que esses preconceitos levam o sujeito nativo da língua a apresentar dificuldades para a aquisição da linguagem, visto que é através dela que começamos a nos envolver na nossa comunidade linguística.

Contudo, a partir do momento que o indivíduo consiga entender a língua que utiliza, encarando de forma consciente os desafios propostos pelas camadas sociais, ao ponto de ser capaz de compreendê-la, aprendendo a socializar-se aos diferentes níveis propostos pelas variantes, dessa forma os sujeitos conseguirão enfrentar as dificuldades que são cotidianamente enfrentadas.

### 3 O SUJEITO NATIVO E AS DIFICULDADES DE AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM

Com base nas teorias exploradas até o momento podemos questionar como o sujeito encara essa complexidade de sentidos que enfrenta cotidianamente, uma vez que se depara com várias situações comunicativas, com diversos contextos que apresentam certa disparidade semântica em virtude dos contextos inseridos. Como sabemos o indivíduo apresenta uma gramática internalizada com base nos conhecimentos adquiridos através da linguística gerativa.

O gerativismo foi criado por Noam Avram Chomsky. Sua teoria passou a ser conhecida a partir da publicação de *Syntactic Structures*, propondo a explicar os fatos linguísticos. A língua é subjetiva, uma forma de interação e com capacidades de reações por cada usuário de acordo com o seu conhecimento linguístico.

A linguagem humana é livre de controle de estímulo e não serve a uma função meramente comunicativa, mas é antes um instrumento para a livre expressão do pensamento e para a resposta apropriada às novas situações. “Estas observações referentes ao que temos chamado de espaço criador do uso da linguagem [...]” (CHOMSKY apud ROCHA, 1998, p. 29).

O gerativismo tende a se preocupar com a capacidade ou competência que os falantes têm com sua língua, com o seu léxico, com o sistema, o qual valorize o ato da compreensão e interpretação lógica. Define o valor do próprio falante com o seu léxico de sua competência e seu desempenho linguístico.

Comungando com Lyons (1998, p. 25) “A competência linguística de um falante é um conjunto de regras que ele construiu em sua mente, pela aplicação de sua capacidade inata para a aquisição da linguagem aos dados linguísticos que ele ouviu a sua volta na infância”.

É curioso se observarmos como pode se tornar confuso para o sujeito nativo de uma língua materna, compreender e interagir com os seus comunicantes, visto que o sujeito criativamente insere novos sentidos ao uso da linguagem, sempre apresentando novas variações que começam a circular e adentram no gosto dos usuários.

Evidenciamos constantemente esses novos sentidos através das marcas da oralidade, uma vez que os sujeitos usam de seus conhecimentos de mundo de forma espontânea. Várias demonstrações ficam claras quanto à “confusão” que os falantes nativos da língua portuguesa apresentam ao uso dos porquês, da crase,

das concordâncias, enfim das normas que regem o falar correto. Mesmo aqueles nativos que vivem anos e anos inseridos em um ambiente escolar estudando as regras propostas pela gramática normativa, tendem a apresentarem, em sua maioria, as variações a partir do seu ambiente linguístico. Essas questões apontadas ficam mais claras ao considerarmos que o ambiente é o responsável por esses procedimentos.

Contudo, os educadores devem ter uma concepção de língua ao concretizar o ensino de língua materna, visto que, a forma como ele vê a língua determinará a sua maneira de como ensinar o português. Ficará mais evidente para o sujeito em processo de recepção da linguagem quando o mesmo perceber a língua como instrumento cultural de interação sociocomunicativa, capaz de possibilitar a interação entre o conjunto de estruturas gramaticais, lexicais e a competência comunicativa, ou seja, o falante/ouvinte para ser competente em sua língua necessita conhecer as regras gramaticais, bem como desenvolver habilidades de usá-las em situações sociais adequando-as no momento efetivo de seu uso.

Dessa maneira, o processo de interação entre os falantes ficará mais compreensível para todos, a partir dessa flexibilidade de adequação aos diferentes contextos, uma vez que todo nativo de uma língua sabe falar a sua língua.

Uma das grandes dificuldades apresentadas pelo indivíduo é a distinção entre a língua escrita e a língua falada. Essa primeira está voltada para as competências e habilidades gramaticais que os usuários possuem sobre as regras e as características da língua. Enquanto a língua falada está relacionada ao uso apropriado, ou seja, as regras que regem o emprego dos enunciados linguísticos, evidenciando as possibilidades que a língua oferece diante de situações contextuais diversas, não esquecendo as variações linguísticas. Assim,

O desenvolvimento da língua oral e o desenvolvimento da escrita se suportam e se influenciam mutuamente. Nos meios letrados, onde a escrita faz parte da vida cotidiana da família, a construção das duas modalidades se dá simultaneamente: ao mesmo tempo em que a criança aprende a falar ela começa a aprender funções e uso da escrita, podendo se tornar uma leitora e produtora de textos não-alfabetizados, já com concepções sobre letramento. (KLEIMAN, 1995, p. 91)

Por isso, faz-se a necessidade contribuir para a ampliação de competências que levem o sujeito a se comportar adequadamente em situações sociocomunicativas diversas, uma vez que não se domina uma única maneira de falar a todos.

Nesse sentido, torna-se indispensável o ensino da oralidade, pois é uma questão de extrema importância no processo de interação verbal, uma vez que é o instrumento mais usado para a comunicação humana, e, a inicial modalidade lingüística a ser adquirida por todos enquanto criança, sendo que “são capazes de interagir com os membros da comunidade, expressando-se e fazendo sentido da fala do outro, respeitando o registro, o tom, a entonação à situação de interlocução”. (idem, p. 92)

Como sabemos, o estudo referente à aquisição da linguagem, voltada para as variações dentro do espaço escolar ainda não são explorados nem instigados pelos profissionais, visto que, prioriza-se a escrita padrão a ocupar os espaços que são almejados pela maioria das pessoas instruídas. Isso gera a crença de desprestígio as variações lingüísticas, como se a linguagem formal fosse o único veículo de comunicação entre os homens. Mas,

A escrita, sem dúvida, tem seu valor e seu lugar no processo comunicativo e, certamente, a escola deve investir nela. Porém, o que não deve acontecer é ela usurpar o lugar da linguagem oral nas atividades pedagógicas, cabendo ao professor o papel de saber dosar convenientemente as duas atividades. (MILANEZ, 1993, p. 16)

No entanto, é interessante buscar alternativas que superem as deficiências que têm surgido aos usuários quanto à aquisição da sua própria língua materna, pois o processo de ensino e aprendizagem deve estar voltado não somente para aprender as regras gramaticais, e sim, somá-las as regras que os nativos de uma língua adquirem. Uma perspectiva de aprendizagem de língua materna em que seja privilegiada a interação entre os falantes nas diversas instâncias de uso da língua.

Como se vê diariamente, os indivíduos apresentam dificuldades em reconhecer letras, sílabas, palavras que são impostas por regras gramaticais, ou seja, transmitir os conhecimentos adquiridos através de estudos que são repassados pelas regras. Esse fato acontece porque se torna mais cômodo para os usuários



utilizarem os conhecimentos que são adquiridos através do contato com os outros sem que haja a necessidade de por em prática as normas que são estabelecidas, como exemplo o uso excessivo de “aí”, “lá”, entre outros.

Outro fator crucial é avaliar o desempenho dos falantes em certo ou errado, sempre com ênfase para as construções que são formalizadas com base nas regras tradicionais. A partir desse ponto se começa o processo de avaliação que conseqüentemente desencadeia uma regressão do usuário, visto que o mesmo se sente inferior devido a não ser levado em conta o seu conhecimento de mundo.

É curioso se observarmos como são presente as questões peculiares dos usuários, uma vez que os falantes em processo inicial de aquisição da linguagem escrevem da forma que pronunciam, sendo que conseguem a concretização da escrita conforme a aproximação fonética por eles pronunciada.

Entretanto, esse fato ocorre em virtude de se levar em consideração a norma padrão, elevando-a a status de maior prestígio social, desconsiderando brutalmente na maioria dos casos o nível oral, fazendo o sujeito a desenvolver um bloqueio através das correções inadequadas.

Por fim, observa-se que o estudo direcionado a língua materna é algo complexo. É preciso que dentro do ensino de língua seja apresentado ao sujeito a gama de cultura que reflete nos nossos falares, para que os usuários consigam compreender a literatura da variação linguística. Desse modo, ficará mais intensa a apreensão das habilidades e competências comunicativas ao ensinar que todas as formas de linguagem podem conviver de acordo com as circunstâncias. Como afirma o professor POSSENTI “[...] O domínio de uma língua, repito, é o resultado de práticas efetivas, significativas, contextualizadas.[...]” (POSSENTI, 1996, p. 46).

Com isso, proporcionarão ao indivíduo nativo da língua identificar as dificuldades linguísticas na construção do sujeito a partir das particularidades que adquirem, levando-o a conduzir com sabedoria os desafios enfrentados pelos sujeitos no tocante as dificuldades existentes no processo de aquisição da linguagem.

Essas dificuldades são geradas por esse déficit no ensino de língua materna que deveria ser respaldada para que o falante pudesse compreender a real funcionalidade da língua. Fica mais evidente para a compreensão dessa discussão quando os profissionais passarem a analisar e por em prática as sábias palavras do professor Possenti

[...] de que o domínio afetivo e ativo de uma língua dispensa o domínio de uma metalinguagem técnica. Em outras palavras, se ficar claro que conhecer uma língua é uma coisa e conhecer sua gramática é outra. Que saber uma língua é uma coisa e saber analisá-la é outra. Que saber usar suas regras é uma coisa e saber explicitamente quais são as regras é outra[...]. (idem, p. 54).

Neste sentido, são necessárias abordagens teóricas e práticas voltadas para o ensino de língua materna que busquem sanar essas dificuldades apontadas anteriormente, procurando abolir ou diminuir os conflitos existentes aos falantes da língua com a sua própria origem linguística, fornecendo-lhes subsídios que possam ensinar cotidianamente que todas as “diferenças” propostas pela língua são válidas dentro da perspectiva comunicativa, promovendo assim, uma linguagem socialmente adequada às diferenças linguísticas através de propostas inovadoras.

Assim, as instituições escolares ao abordarem o ensino de português para seus falantes devem primar por planejamentos pedagógicos para que os educadores consigam com eficiência aplicar ao seu público os conhecimentos pertinentes ao uso adequada da língua.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

São interessantes as mudanças ocorridas à língua no decorrer dos anos. Dessa forma, fica evidente o leque de possibilidades que as variações da língua apresentam aos seus falantes.

Diante essa temática, podemos indagar como o sujeito estabelece ao meio social através das amplas possibilidades que as variedades linguísticas apresentam ao seu uso.

Nos dias atuais é trabalhada com a sociedade a inclusão social, principalmente dentro das instituições de ensino, mas, como a sociedade está conduzindo a inclusão dos seus formandos acerca do ensino de conscientização das variantes da língua. Como se sabe, a grande maioria dos usuários sofre preconceitos através do uso dos seus dialetos, uma vez que a sociedade enaltece os falares norteados pela gramática normativa, sendo os usuários de maior prestígio social que se aproxima da norma culta, e a sociedade apresenta-se de forma preconceituosa aos falares espontâneos que as pessoas dominam conforme seu grupo social.

É preciso mostrar aos falantes nativos a importância da língua materna, para que possa ser capaz de fornecer subsídios para que este possa pesquisar e pensar criticamente sobre sua própria língua. Contudo, possa encarar conscientes as dificuldades que os falantes apresentam para a aquisição da própria linguagem, uma vez que são gritantes no nosso país preconceitos as formas de falares regionais.

É função social da escola proporcionar aos seus públicos estudos direcionados as reais características da língua materna, através de um trabalho que apresente a todos conscientemente que as variações são laços fortes que os usuários de uma língua constroem no seu campo de habilidades comunicativas e que essas diferenças de dialetos que são ocasionados não tornam seres menos ou mais privilegiados, sendo que a maior função do uso da linguagem é proporcionar a comunicação de forma harmoniosa.

Diante o exposto, podemos perceber que é preciso a escola, quanto a sociedade, busquem políticas que possibilitem um processo de formação que possa contribuir para uma maior compreensão sobre o objeto de ensino de língua materna, os usos sociais da língua e suas variações, levando em consideração os interesses e propósitos que vinculam em comum.

Para que essa proposta se consolide, os educadores precisam rever suas práticas pedagógicas, voltadas para os estudos da língua que venham a desmistificar todas as formas preconceituosas, e que os usuários percebam que o uso da língua é um patrimônio inestimável da humanidade, por isso devemos valorizá-la e usá-la sem medi-la a status sociais.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**. Parecer CNE/CEB05/2011. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_contend&id=12992:diretrizes-para-a-educacao-basica](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_contend&id=12992:diretrizes-para-a-educacao-basica)>. Acessado em: 25/10/2014.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e linguística**. 10 ed. São Paulo: Scipione, 2005.
- CAMARA JR, Joaquim Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa**. 15<sup>a</sup> ed. Petrópolis. Vozes, 1985.
- CÂMARA JR, Joaquim Mattoso. **História da linguística**. Tradução de Maria do Amparo Barbosa de Azevedo, Petrópolis, Vozes, 1975. p 195.
- COUTINHO, Ismael de Lima. **Pontos da gramática histórica**. 6<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1972. 41 ed. São Paulo. Cortez, 2001.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. Em três artigos que se completam, 41, ed. São Paulo, Cortez, 2001.
- LAROCCA, Maria Nazaré de Carvalho. **Manual de morfologia do português**. Campina. Pontes. Juiz de Fora, UFJF, 1994.
- LYONS, John. **Linguagem e linguística**. Copyright, Koogan, Ed. Guanabara 1981.
- KLEIMAN, Ângela B. **Os significados do letramento: Uma perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas – SP: Mercado de letras, 1995.
- MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa. CANDAU, Vera Maria. **Educação escolar e cultura(s): construindo caminhos**, Rio de Janeiro, 2003.

MILANEZ, Wânia. **Pedagogia oral: condições e perspectivas para sua aplicação no português**. Campinas, SP: Sama, 1993.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas – SP: Mercado de letras, 1996.

ROCHA, Luiz Carlos de Assis. **Estruturas morfológicas do português**. Belo Horizonte. Ed. UFMG, 1998.

SARMENTO, Leila Lauar. **Português: leitura, produção, gramática**. 3ed – São Paulo: Moderna, 2009.

TRAVAGLIA, L. C. **Gramática e interação**. São Paulo: Cortez, 1996